



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
ESPECIALIZAÇÃO . CEAD-UFOP

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Elisângela Venceslau de Melo Rosa

**A arte de contar histórias infantis: um caminho
possível para a formação de leitores literários**

**Santa Cruz do Escalvado
2024**

Elisângela Venceslau de Melo Rosa

**A arte de contar histórias infantis: um
caminho possível para a formação de
leitores literários**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Práticas Pedagógicas do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Professora Dra. Rosângela Márcia Magalhães

Santa Cruz do Escalvado, 2024

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R788a Rosa, Elisangela Venceslau de Melo.

A arte de contar histórias infantis: um caminho para a formação de leitores literários a arte de contar histórias infantis [manuscrito]: um caminho para a formação de leitores literários. / Elisangela Venceslau de Melo Rosa. - 2024.
39 f.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Márcia Magalhães.
Produção Científica (Especialização). Universidade Federal de Ouro Preto. Centro de Educação Aberta e a Distância.

1. Capacidade de contar histórias em crianças. 2. Arte de contar histórias. 3. Arte de contar histórias na educação. 4. Letramento informacional. I. Magalhães, Rosângela Márcia. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 378

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Elisângela Venceslau de Melo Rosa

A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS INFANTIS: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS
A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS INFANTIS: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

Aprovada em 15 de outubro de 2024

Membros da banca

Professora Doutora Rosângela Márcia Magalhães - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Professora Doutora Gláucia Maria dos Santos Jorge - Universidade Federal de Ouro Preto
Professor Doutor Jacks Richard de Paulo - Universidade Federal de Ouro Preto

Professora Doutora Rosângela Márcia Magalhães, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 01/11/2024



Documento assinado eletronicamente por **Marcia Ambrosio Rodrigues Rezende, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/11/2024, às 21:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosângela Márcia Magalhães, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2024, às 14:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0806663** e o código CRC **B72E46BD**.

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus; sem ele eu não teria capacidade para desenvolver. A minha mãe (in memoriam) ,a quem agradeço as bases que deu para me tornar a pessoa que sou hoje. E a todos amigos e orientadores que me ajudaram nessa caminhada.

Agradecimentos :

A Deus, em cujas mãos sempre deposito os rumos do meu destino. Sem ele nada poderia fazer.

À minha família que é a minha base, pelo apoio e amor incondicional.

Aos que amo o meu sorriso, o meu carinho e o meu obrigada, por muitas vezes não estarem sempre comigo, mas estavam sempre presentes em meus pensamentos e coração. Na validade de minha luta, nos méritos de minhas conquistas, há muito da presença de vocês.

Aos meus colegas de curso, pela união e troca de experiências.

A todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que esse momento se tornasse realidade.

Gratidão a todos os professores que contribuíram na minha formação acadêmica, pela incansável dedicação e pelo incentivo.

“ Educar é... contar histórias.
Contar histórias é transformar a vida
na brincadeira mais séria da sociedade”.
(Augusto Cury)

Resumo

A contação de histórias nas escolas emergiu como uma forma eficaz de inserir as crianças no mundo da imaginação e, principalmente, da arte. Segundo diversos estudiosos, essa prática pedagógica é um auxílio valioso para os professores do ciclo de alfabetização. O objetivo geral deste trabalho foi verificar a contribuição da contação de histórias no processo de alfabetização e letramento, com ênfase especial na formação leitora. Os objetivos específicos foram analisar as formas de mediação utilizadas pela professora para contar histórias, identificar os critérios que orientavam a docente na escolha dos livros literários e verificar os espaços e tempos empregados para a contação de histórias. O referencial teórico foi baseado em autores como Cosson, Paulino, Abramovich, Coelho, Machado e Corrêa, Magalhães, Colomer, Lajolo, entre outros. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro em Santa Cruz do Escalvado, Minas Gerais, utilizando um relato de experiência de uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Instrumentos como questionários, fotografias e outros documentos relacionados ao contexto escolar foram utilizados para a coleta de dados. A contação de histórias se revelou uma atividade que transmitiu experiências significativas, ampliando o repertório cultural e linguístico das crianças, corroborando para o efetivo processo de letramento literário. Os resultados deste estudo reforçaram a importância da contação de histórias como uma prática pedagógica multifacetada que transcende a simples transmissão do enredo da obra explorada. Esta atividade desempenhou um papel vital no enriquecimento do vocabulário e no estímulo à imaginação das crianças, além de ser crucial para o desenvolvimento da linguagem oral, incentivando as crianças a articular suas ideias e emoções de maneira clara e coerente.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Processos de alfabetização e letramento. Anos Iniciais.

Abstract

Storytelling in schools has emerged as an effective way of introducing children to the world of imagination and, above all, art. According to several scholars, this pedagogical practice is a valuable aid for teachers in the literacy cycle. The general aim of this work was to verify the contribution of storytelling to the literacy and literacy process, with special emphasis on reading training. The specific objectives were to analyze the forms of mediation used by the teacher to tell stories, to identify the criteria that guided the teacher when choosing literary books and to verify the spaces and times used for storytelling. The theoretical framework was based on authors such as Cosson, Paulino, Abramovich, Coelho, Machado and Corrêa, Magalhães, Colomer, Lajolo, among others. The research was carried out using a qualitative approach at the Antônio Leôncio Carneiro Municipal School in Santa Cruz do Escalvado, Minas Gerais, using an experience report by a teacher from the early years of elementary school. Instruments such as questionnaires, photographs and other documents related to the school context were used to collect data. Storytelling proved to be an activity that conveyed meaningful experiences, broadening the children's cultural and linguistic repertoire and contributing to an effective literary literacy process.

The results of this study reinforced the importance of storytelling as a multifaceted pedagogical practice that goes beyond simply conveying the plot of the work being explored. This activity played a vital role in enriching children's vocabulary and stimulating their imagination, as well as being crucial to the development of oral language, encouraging children to articulate their ideas and emotions in a clear and coherent manner.

Keywords: Storytelling. Literacy and literacy processes. Early Years.

Sumário

Introdução	11
1. Problema de pesquisa	15
2. Objetivo Geral	15
3. Específicos	16
4. Referencial Teórico	16
4.1 A arte de contar histórias	20
4.2 Por que contar histórias para as crianças?	23
5. Metodologia	27
6. A prática de Contação de Histórias na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro	31
7. Considerações finais	38
8. Referências :	41

Introdução

Início de conversa...

Escolhi escrever o Memorial obedecendo à ordem cronológica da minha vida e contando um pouco da minha trajetória acadêmica e profissional por considerar que esse processo facilitaria a compreensão do leitor, relatando um pouco o porquê da escolha desse tema. Meu nome é Elisângela Venceslau de Melo Rosa, casada, nascida em quinze de junho de mil novecentos e setenta e oito (15/06/1978), natural de Ponte Nova/ MG, nacionalidade brasileira. Sou a mais velha de quatro irmãos e filha de João Martins de Melo e de Lourdes Venceslau Martins de Melo.

Nasci e me criei na comunidade do Sobrado, área rural de Santa Cruz do Escalvado, onde meus pais trabalhavam na roça plantando milho, feijão, arroz com o objetivo de sustentar a família. Os filhos eram responsáveis para levar o almoço na roça e nos dias de feriado, recesso ou férias tínhamos que ajudar pelo menos a plantar algumas sementes para adiantar o plantio. E à noite para descontrair, meu pai adorava contar histórias de Dona Onça e seu Coelho, de fantasmas, lombisomem e outros mais onde morríamos de medo de sair à noite.

Então, desde meus cinco anos de idade já tinha responsabilidade com alguns afazeres domésticos e aos 7 anos de idade iniciei minha carreira de estudante na Escola Municipal Nicolau Brum, na área rural perto da minha casa. A minha primeira professora recém formada, foi Maria Jovita Vieira que era uma pessoa carinhosa, muito amável que me ensinou a letra cursiva em caderno com pauta, pois naquela época ninguém ensinava através da letra bastão (letra palito) como chamamos hoje. E nesse meio tempo, minha professora tirou licença e tive o prazer de ter como professora leiga minha mãe Lourdes Venceslau que lecionou uns três meses para a turma e sem formação acadêmica, conseguiu alfabetizar a maioria dos alunos com o pouco tempo que ficou de substituta.

Na segunda série fui estudar com a professora Maria do Carmo Carvalho que era nossa vizinha. Ela era muito brava, mas muito carinhosa com seus alunos e adorava dar pequenos livros para que nós recontássemos, tínhamos também que ilustrar as histórias lidas, despertando em em seus alunos o gosto pela leitura. Além dessas atividades, trabalhávamos também com dobraduras, tinha histórias contadas através de fantoches e tudo por criação própria, pois não existia nenhum suporte técnico como livros didáticos, computadores, aplicativos, etc.

Na terceira e quarta série, o número de alunos na escola rural diminuiu muito porque as pessoas começaram a ir embora para as grandes cidades em busca de trabalho e uma vida mais digna. Dessa forma, fecharam a escola e fui transferida para a Escola Estadual Doutor Otávio Soares na sede em Santa Cruz do Escalvado. Foi um período muito difícil na minha vida estudantil porque naquela época não existia transporte escolar e caminhava diariamente, 18 km para ir e voltar da escola.

Ao ingressar nessa nova escola a realidade foi muito difícil, totalmente diferente, com sala cheia, novos colegas, vários professores, mas aos poucos fui me adaptando e no final deu tudo certo.

A minha professora na terceira e quarta série foi Eni Lanna que não gostava de brincadeiras, era muito séria e tínhamos que saber a tabuada na ponta da língua, senão tinha o cantinho do pensamento (castigo), não participava do recreio, educação física nem pensar, mas apesar de tudo foi muito bom porque nenhum aluno chegava no final do ano letivo sem saber a tabuada e as quatro operações. Eu era a queridinha da professora porque disputava com meus colegas quem terminava primeiro as atividades propostas. Então, matemática era e é até hoje a minha matéria preferida.

E para finalizar as séries iniciais do Ensino Fundamental, estudei com a professora Zélia Rita que era meiga, carinhosa, amável e adorava contar as histórias infantis como Lobo Mal, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Branca de Neve e os Sete Anões, cantava várias músicas como “Meu pintinho Amarelinho”, A barata diz que tem, São Francisco, A canoa virou, brincadeiras de roda, passar anel, dentre outras que até hoje guardo na minha memória. De vez em quando dá vontade de voltar no tempo.

Daí então, ingressei nas séries finais do Ensino Fundamental, mesmo morando na área rural, com um professor para cada conteúdo. E estudando com muita dificuldade, cheguei ao Ensino Médio onde as coisas começaram a melhorar porque já tínhamos transporte escolar, que foi uma conquista maravilhosa.

Em 1995 fui reprovada no conteúdo de Português porque tínhamos que ler aqueles livros enormes como Iracema, A Moreninha e apresentar teatros para toda a escola. Eu tinha medo, vergonha de falar onde tinha muita gente e por isso, fui reprovada no primeiro ano do Ensino Médio. Essa reprovação me trouxe muita revolta devido à dificuldade em frequentar a escola, uma vez que morávamos

muito longe da instituição. Mas essa reprovação contribui muito para seguir em frente. No ano seguinte voltei ainda mais empolgada em estudar e em 1998 terminei o terceiro ano do Ensino Médio com a Formação em Magistério. Isso foi a maior felicidade para minha família porque naquela época, formar-se professora era um orgulho. Vale ressaltar que aquela turma foi a última concluinte neste curso, pois ele foi extinto na escola onde estudava.

Depois dessa formação fiquei uns tempos em casa porque era difícil conseguir um local para lecionar. Em setembro de 2001 me casei e fui trabalhar numa casa de família por onde fiquei uns cinco meses e surgiu uma oportunidade de trabalhar como monitora de creche, substituindo a licença médica de uma professora por um mês.

No mês seguinte, iniciei minha carreira docente lecionando na segunda série do Ensino Fundamental na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro no município de Santa Cruz do Escalvado, onde foi uma oportunidade gratificante em minha vida onde comecei a colocar em prática o meu aprendizado.

Em janeiro de 2003, tive a minha filha que hoje está com 20 anos cursando o 4º período de Educação Física.

No ano de 2006 abriu um edital para concurso público na cidade e como não tinha feito nenhum curso superior perdi minha vaga de professora e fui atuar como Auxiliar de Secretaria Escolar. Vale ressaltar que foi uma oportunidade muito bacana porque aprendi a fazer e conhecer todo processo da escrituração escolar.

E ainda no ano de 2006 como nunca imaginei, mas era o meu grande sonho de ter uma formação melhor, veio a grande oportunidade de fazer a Graduação em Licenciatura em Pedagogia que foi todo custeado por minha mãe e tias, porque o salário que eu ganhava naquela época não dava para pagar todo o custo da faculdade. Esse acontecimento em minha vida foi maravilhoso porque mesmo diante de tantas dificuldades, mas com muito esforço consegui realizar meu sonho e o sonho da minha mãe que era ver um de seus filhos com um curso superior.

Com minha formação em Licenciatura em Pedagogia assumi em janeiro de 2012 a dezembro de 2016 o cargo de Especialista em Educação Básica, atuando da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. Já em janeiro de 2017 a dezembro de 2020 atuei na mesma escola como Diretora Escolar e em abril de

2021 retornei ao cargo de Especialista em Educação Básica onde estou até presente data.

Atualmente tenho Especialização em Supervisão, Inspeção Escolar, Orientação e Gestão Escolar, sendo 685 horas/aulas cada, além de Alfabetização e Letramento com 495 horas, Educação Especial/Educação Inclusiva-Altas Habilidades de 760 horas. Também tenho segunda Licenciatura em Educação Especial, vários cursos na área da educação de 60,80,120,160 e 240 horas e para finalizar estou terminando o Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto.

Ao longo da minha trajetória escolar, consolidou o discurso e práticas pedagógicas inovadoras. Meus tempos trazem boas recordações: tive excelentes professores e fui uma excelente aluna, muito dedicada e estudiosa. Hoje percebo como foi importante concluir o magistério, os cursos superiores, através de uma formação laica e humanista, preocupação em cultivar os princípios éticos, o compromisso social, o exercício do espírito criativo e crítico. Sem dúvida, foi nesses tempos de escolaridade, aliado à formação familiar, que se deu a formação de meu caráter, o meu modo de ser pessoal e profissional.

A elaboração deste Memorial me deu oportunidade de voltar no tempo e perceber claramente quantas pessoas foram importantes nessa minha caminhada. Agradeço imensamente a todos, mas primeiramente a Deus, aos professores, amigos e minha família, que contribuíram em toda essa minha trajetória.

A elaboração desse memorial me fez recordar como foi importante a prática pedagógica da contação de histórias no processo de alfabetização e sua grande contribuição no aprendizado dos alunos. Essa prática promove o desenvolvimento geral da criança permitindo viajar no mundo da fantasia, proporcionando momentos de prazer, entretenimento, encantamento e desenvolvimento da imaginação. De acordo com Abramovick (1999):

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poetura colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa). (ABRAMOVICH, 1999, p.24)

Nesse contexto, o objetivo geral desse trabalho é verificar a contribuição da contação de histórias no processo de alfabetização e letramento, principalmente em relação à formação leitora. Dentre os objetivos específicos destacamos: analisar quais formas de mediação a professora utiliza para contar as histórias, identificar quais os critérios que orientam a docente na escolha dos livros literários, verificar quais espaços e tempos a professora utiliza para a contação de histórias. Para alcançarmos esses objetivos nosso referencial teórico se baseiou em Cosson, Paulino, Abramovich, Coelho, Machado e Corrêa, Magalhães, Colomer, Lajolo, dentre outros.

O estudo é elaborado por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro do município de Santa Cruz do Escalvado, Minas Gerais. Metodologicamente usamos o relato de experiência da prática literária sobre Contação de Histórias de uma professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e como procedimentos o questionário, fotografias e outros documentos relacionados ao contexto da escola e da turma pesquisada.

O interesse pela temática vem de encontro a minha prática pedagógica como docente e particularmente, da observação como supervisora pedagógica de situações de contação de histórias no contexto escolar. A escolha da temática se deu por acreditar que ouvir muitas histórias é de suma importância para a formação de qualquer criança porque desperta emoções como tristeza, raiva, irritação, alegria, medo, euforia, etc. Essa mistura de sentimentos faz com que a criança viva profundamente tudo o que a narrativa provoca, além de instigá-la, estimulá-la a pegar um livro e começar a lê-lo.

Logo, estudos relacionados a esse tema é de suma importância para reflexão e diálogo sobre práticas eficientes de contação de histórias que podem contribuir para formação leitora.

1. Problema de pesquisa

Como a contação de histórias pode contribuir para a aprendizagem dos alunos e estimular o gosto pela leitura literária na Educação Infantil?

2. Objetivo Geral

Verificar a contribuição da contação de histórias no processo de

alfabetização e letramento, principalmente em relação à formação leitora.

3. Específicos

- * Analisar quais formas de mediação a professora utiliza para contar as histórias;
- * Identificar quais os critérios que orientam a docente na escolha dos livros literários;
- * Verificar quais espaços e tempos a professora utiliza para a contação de histórias

4. Referencial Teórico

A contação de histórias nas escolas é uma forma de inserir as crianças no mundo da imaginação e principalmente, da arte. De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores do Ciclo de alfabetização. Ao longo dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade. Isso porque se vive em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual. A Educação básica é uma fase ideal para a formação do interesse pela leitura, pois nesta fase são formados os hábitos da criança. A escola é um local onde as crianças interagem socialmente, recebendo influências socioculturais que moldam suas perspectivas, comportamentos e desenvolvimento cognitivo e emocional. Ouvir histórias pode ser também uma forma de levá-las a viver o mundo encantado da imaginação. Mas para isso, a pessoa que está contando a história precisa ter uma formação adequada, falar com ênfase para que todos sintam-se interessados, e isso nossos pais e avós sabiam fazer de forma empírica sem nenhuma formação acadêmica.

O contador é aquela figura que atrai a atenção das crianças e dos jovens porque apresenta o mundo da literatura de uma forma bem diferente da usual. Ele sabe usar a voz e o corpo para dar vida às histórias que narra, permitindo que o ouvinte se identifique e seja capaz de elaborar sentimentos como raiva, medo, alegria, euforia, tristeza, etc.

A história bem contada leva as crianças a soltar a sua imaginação

desenvolvendo cognitivamente, vivendo o irreal e idealizando o real. O momento da contação de história é para a criança se sentir livre, se divertir, voar na imaginação e explorar novos mundos e possibilidades.

Vivemos em um tempo em que a mídia e as tecnologias estão cada vez mais acessíveis às crianças. As informações chegam pelos meios de comunicação ampliando os horizontes e os conhecimentos. Os livros estão muitas vezes, sendo deixados de lado, as histórias estão sendo esquecidas, o que transforma em desafio para o educador fazer com que as crianças desenvolvam o gosto pela leitura literária.

A contação de histórias tem o poder de transformar o mundo das crianças, estimulando sua imaginação e transportando-as para universos onde só elas possuem a chave para entrar, sair e retornar à realidade. Como educadores, temos a responsabilidade de nos preparar para criar oportunidades que ampliem o conhecimento dos alunos de maneira prazerosa, incentivando-os a explorar esses mundos imaginários. Nossa missão é fazer com que o aprendizado seja uma experiência envolvente e enriquecedora, que desperte a curiosidade e a criatividade das crianças.

Cosson (2012) alerta que a forma como a leitura é ensinada na escola tem um impacto significativo sobre como lemos fora desse ambiente. Ele afirma que "os livros, assim como os fatos, nunca falam por si mesmos. O que lhes dá voz são os mecanismos de interpretação que utilizamos, muitos dos quais aprendemos na escola, onde a literatura é um locus de conhecimento" (COSSON, 2012, p. 26). Reiteramos que a escola é a agência de letramento mais crucial, legitimando o processo de alfabetização e letramento. É através dela que muitos alunos de classes menos favorecidas têm a oportunidade de acessar os livros literários.

Lajolo (2001) ressalta que tudo que lemos nos marca, pois os mundos que conhecemos através da literatura permanecem incorporados na nossa vivência. A leitura de textos literários contribui na formação do leitor criativo, autônomo e que saiba fazer suas próprias escolhas, pois

[...] a literatura permite que o sujeito viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra, tornando-se um espaço privilegiado de construção de sua identidade e de sua comunidade. [...] somos construídos tanto pelos muitos textos que atravessam culturalmente os nossos corpos, quanto pelo que vivemos e da comunidade onde vivemos (PAULINO; COSSON, 2009, p. 69).

De acordo com Paulino (1999, p.75), “a leitura literária é uma leitura que exige habilidades e conhecimentos de mundo, de língua de seu leitor”. Dessa forma, a formação de leitores literários perpassa pela sistematização de práticas pedagógicas na perspectiva do letramento literário (MAGALHÃES, CORRÊA, 2016, p.8)

O ensino da leitura de literatura infantil nos anos iniciais precisa ser desenvolvido de forma sistemática, e a escola é a principal instituição responsável por garantir essa aprendizagem. Quando a literatura é ensinada adequadamente, ela desempenha um papel fundamental na sala de aula, contribuindo não apenas para a formação do leitor, mas também para o desenvolvimento integral do ser humano.

A escola deve atuar de maneira significativa, motivando as crianças a descobrirem o que os livros têm a oferecer. Essa atividade é essencial no âmbito educacional, pois amplia as habilidades de leitura e escrita das crianças, ajudando-as a se tornarem leitoras e também escritoras. É evidente que a escola tem a função de favorecer um contexto propício para a prática da leitura, tornando-a significativa e interessante. Formar leitores requer esforços e uma prática pedagógica eficiente, que deve começar antes do processo de alfabetização e se estender por toda a vida estudantil. Todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem são responsáveis por despertar nos alunos o prazer pela leitura literária. Logo, a formação leitora é um grande desafio por diversas razões:

Desinteresse pela leitura: Muitas crianças e jovens não têm interesse pela leitura, frequentemente devido à falta de incentivo em casa, na escola ou à exposição limitada a livros que despertem sua curiosidade e imaginação. A competição com outras formas de entretenimento, como televisão, videogames e internet, também contribui para esse desinteresse.

Recursos limitados: Escolas e bibliotecas muitas vezes enfrentam limitações orçamentárias, o que resulta em acervos desatualizados ou insuficientes. A falta de livros variados e atraentes dificulta a criação de um ambiente rico em literatura.

Formação dos Professores: Nem todos os professores recebem formação adequada para incentivar e trabalhar com a leitura literária. A falta de estratégias pedagógicas específicas para estimular o interesse e o prazer pela leitura entre os alunos pode comprometer a eficácia do ensino.

Contexto socioeconômico: Crianças de famílias com menos recursos econômicos podem ter menos acesso a livros em casa e em suas comunidades. Isso cria uma disparidade no desenvolvimento das habilidades de leitura e na formação de hábitos de leitura.

Currículo Escolar: O currículo escolar, muitas vezes, não enfatiza suficientemente a leitura literária ou não a aborda de maneira que desperte o interesse dos alunos. A pressão por resultados em testes padronizados pode levar a uma abordagem mais técnica da leitura, em detrimento do prazer e da apreciação literária.

Dificuldades de Leitura: Alunos com dificuldades de leitura ou problemas de aprendizagem podem se sentir desencorajados e evitar a leitura. A falta de apoio adequado para esses alunos pode agravar a situação.

Tempo e Espaço para a Leitura: Em muitos contextos escolares, o tempo dedicado à leitura literária é insuficiente. Além disso, não há um espaço adequado e acolhedor que incentive a leitura individual e coletiva.

Para superar esses desafios, é essencial implementar estratégias que envolvam a promoção do letramento literário, a formação contínua de professores, a atualização dos acervos das bibliotecas, e o envolvimento das famílias no processo de incentivo à leitura. A criação de programas que tornem a leitura uma atividade prazerosa e significativa pode ajudar a formar leitores literários mais competentes e entusiastas. Nesse sentido, este trabalho busca refletir sobre o papel crucial que a contação de histórias desempenha no processo de alfabetização, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Através dessa prática, os alunos são introduzidos ao mundo da leitura e da escrita de uma maneira envolvente e lúdica, o que desperta seu interesse e prazer pelas obras literárias.

4.1 A arte de contar histórias

A contação de história, segundo Bussato (2006, p. 12) “é como um instrumento capaz de servir de ponte para ligar as diferentes dimensões e conspirar para a recuperação dos significados que tornam as pessoas mais humanas, íntegras, solidárias, tolerantes, dotadas de compaixão”. Contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo assentava ao redor do fogo para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que vinham de longe, de suas pátrias, contavam e repetiam histórias para preservar suas tradições e sua língua.

De acordo com vários estudiosos, a contação de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de professores no processo de alfabetização. Ao longo dos anos, a educação preocupa-se em contribuir para a formação de um indivíduo crítico, responsável e atuante na sociedade. Isso porque se vive em uma sociedade onde as trocas sociais acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita, da linguagem oral ou visual. A Educação básica é um período ideal para a formação do interesse pela leitura, pois nesta fase são formados os hábitos da criança. A escola é um local onde as crianças interagem socialmente, recebendo influências socioculturais para o desenvolvimento da aprendizagem. A contação de histórias é uma atividade que segundo Cosson (2014)

Embora seja usada há bem mais tempo com a função de acalmar e entreter a criança, contemporaneamente se reconhece na contação de histórias uma forma privilegiada de ampliação do vocabulário, relação com o impresso, estímulo à imaginação, desenvolvimento da criatividade e do senso crítico, incorporação de modelos narrativos, incentivo à leitura, promoção de valores e crescimento emocional, além de funcionar como ponto de partida ou ligação entre conteúdos programáticos. (COSSON, 2014, p. 112)

Dessa forma, a contação de histórias é uma forma de levar as crianças a viver o mundo encantado da imaginação, viajando em seu pensamento como se tudo fosse real. Mas para isso a pessoa que está contando a história precisa ter o domínio do texto, falar com ênfase para que sintam-se interessados. Logo, o contador é

aquela figura que atrai a atenção das crianças e dos jovens porque apresenta o mundo da literatura de uma forma bem diferente da usual. Ele sabe usar a voz e o corpo para dar vida as histórias que narra, permitindo que o ouvinte se identifique e seja capaz de elaborar diferentes sentimentos.

A contação de histórias trabalha o lúdico, desenvolve na criança a imaginação, a organização de ideias, a linguagem oral e escrita, o prazer pela arte e a habilidade de dar lógica aos acontecimentos e estimular o interesse pela leitura. Segundo Magalhães (2022):

Os alunos, com base em suas experiências, ao participarem da contação, dão sentido ao enredo. Em contrapartida, a professora também dá forma ao seu contar a partir do encontro subjetivo com os alunos, estabelecendo um vínculo, aproximando-os e provocando para que a narração seja feita e contemplada em sua totalidade (MAGALHÃES, 2022, p.193)

Segundo Bussato (2007, p. 4), nos últimos anos, a arte de contar histórias vem sendo “retomada não apenas por terapeutas e educadores, mas por pessoas de todas as formações, de várias camadas da sociedade, que se reúnem para partilhar sabedoria, afeto e energia através das narrativas”. Nesse sentido, a escola vem sendo considerado um espaço propício para a contação de histórias, já que é uma atividade muito utilizada pelos docentes.

É surpreendente e fantástico mergulhar nesse mundo encantador dos textos literários. Como educadores, nos cabe a responsabilidade de criarmos oportunidades para que nossos alunos tenham acesso a diferentes narrativas literárias, repletas de aspectos sociais, culturais e históricos, possibilitando a inserção dos sujeitos na cultura de forma ativa e participativa. Portanto, a contação de histórias é uma atividade enriquecedora dentro do contexto escolar. Ela abarca diferentes aspectos que interferem na prática escolar, contribuindo para a formação de crianças leitoras.

Sabe-se que a arte de contar histórias não surgiu recentemente, vem desde a antiguidade onde nossos antepassados repassavam informações faladas de seus ancestrais de geração para geração, onde seus conhecimentos e ensinamentos se davam a partir de contos narrados. Segundo Torres e Tettamanzy (2008. p.2) o “ofício de contar histórias é remoto [...] e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através

das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida”.

Os nossos antepassados faziam isso no intuito de suas memórias e culturas de seus povos não fossem esquecidas e sim, passadas para as futuras gerações. Com o passar do tempo esse ato foi mudando e se aperfeiçoando e hoje temos várias opções de contar uma história, seja através de uma narrativa, seja através de uma leitura áudio visual ou até mesmo fazendo uso de roupas e objetos que encantem e envolvam ainda mais o ouvinte.

A magia de contar histórias envolve tanto nós adultos, como também as crianças, pois quem não fica admirado e encantado ao ouvir uma boa história. Por vezes, saímos do mundo em que vivemos e embarcamos num mundo cheio de fantasias e encantos, bem distante do mundo que estamos acostumados. De acordo com Garcia (2003, p. 10):

Era uma vez...” tem sido a senha para se entrar no maravilhoso mundo dos contos, mitos, lendas e fábulas. Basta que alguém diga essas três palavrinhas mágicas que o encanto acontece, e nós, adultos e crianças, como que hipnotizadas, esperamos que o contador prossiga com sua narrativa. Por que isso acontece? Porque ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre nossas atitudes e escolhas [...]. (GARCIA, 2003, p. 10)

Freire (1989) ressalta que a criança sem antes mesmo ter ido à escola, consegue ler, fazer a leitura do mundo que a cerca, pois já tem um conhecimento prévio que deve ser levado em consideração no ambiente escolar:

A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo. E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político (FREIRE, 1989, p. 7)

Dessa forma, as crianças precisam ter contato com diferentes gêneros literários, ampliando sua leitura de mundo e dando sentidos às histórias lidas ou contadas. Conforme Gouvea (2002, p. 112):

a criança amplia o conceito de mundo através da estimulação de suas habilidades, acreditando que ela já possui a capacidade de adquirir o conhecimento, sendo um sujeito participativo e co-produtor na construção do conhecimento e de seu processo de desenvolvimento. (GOUVEA, 2002, p.112)

Logo, a contação de histórias é uma atividade que pode transmitir experiências significativas, ampliando seu repertório cultural e linguístico, corroborando para o efetivo processo do letramento literário. De acordo com Graça Paulino (1999) o letramento literário “como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela” (PAULINO, 1999, p. 16). Desta forma, é de suma importância trabalhar a literatura infantil na escola como fenômeno significativo com o objetivo de levar os alunos a se constituírem como leitores eficazes.

Dessa forma, a contação de histórias é um desafio na prática pedagógica, pois não basta saber contar, é preciso saber a quem contar, quando contar, o que contar e como contar.

4.2 Por que contar histórias para as crianças?

O processo de alfabetização da criança é um momento muito importante tanto para ela como para os pais e professores, pois é nesse período que sua imaginação está mais aflorada.. É nesse momento que nós, enquanto educadores, precisamos nos atentar a não apenas ensinar às crianças a decodificar os códigos e letras, ou seja, é preciso alfabetizar e letrar. A pesquisadora Magda Soares (2003) diz que alfabetizar letrando

não são processos independentes, mas interdependentes, indissociáveis: a alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividade de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2003, p.15)

Diante disso, ao docente precisa utilizar de estratégias pedagógicas que tornem essa etapa da vida da criança um momento prazeroso, como é o caso da contação de histórias. Segundo Correa e Magalhães (2016):

o letramento é um processo e várias agências contribuem para que o cidadão desenvolva esse processo, sendo a escola uma delas, provavelmente a mais importante, porque tem esta função precípua. Essa instituição deve formar cidadãos que compreendam que existem habilidades a serem adquiridas e desenvolvidas, além de estratégias que podem ser aprendidas para se desenvolverem como leitores. (CORREA, MAGALHÃES, 2016. p.06)

Além disso, Abramovich (1997) ressalta a importância da contação de histórias pois ela atua no desenvolvimento da criança, estimula a sua criatividade e permite com que a criança expresse seus sentimentos.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir, e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

É nessa etapa da vida dos alunos que o professor se torna o principal responsável pelo sucesso ou pelo seu fracasso escolar. O professor que apenas se restringe às atividades rotineiras e mecânicas de lousa e escrita acaba tornando o processo de alfabetização mais lento e cansativo para ambas as partes. Segundo Carvalho (2004) “a professora que lê para turma, ‘acorda’ as histórias que dormem nos livros. Os alunos recontam essas histórias, aprendendo a perceber as diferenças entre língua falada e escrita. Esse trabalho é importantíssimo na formação do leitor” (CARVALHO, 2004, p. 16).

Sendo assim, percebe-se a importância que a contação de histórias tem no processo de alfabetização dos alunos. Esta abordagem oferece inúmeras vantagens que vão além do simples aprendizado das letras e palavras, contribuindo significativamente para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Primeiramente, a contação de histórias desperta o interesse e o prazer pela leitura, elementos fundamentais para a formação de leitores proficientes e entusiastas. Ao serem expostas a narrativas

envolventes, as crianças são naturalmente motivadas a explorar o mundo dos livros, desenvolvendo uma relação positiva com a leitura desde cedo. Essa motivação intrínseca é crucial, pois uma vez estabelecido o gosto pela leitura, ele tende a se perpetuar ao longo da vida escolar e além.

Além disso, a contação de histórias enriquece o vocabulário e estimula a imaginação. As crianças são apresentadas a novas palavras e expressões dentro de contextos significativos, o que facilita a compreensão e a retenção. Ao mesmo tempo, as narrativas desafiam os jovens ouvintes a visualizar cenários, personagens e eventos, promovendo o desenvolvimento da criatividade e da capacidade de pensar de forma abstrata.

A prática também desenvolve habilidades de compreensão e interpretação. Ao ouvir histórias, as crianças aprendem a seguir sequências lógicas, identificar personagens e seus papéis, e entender relações de causa e efeito. Essas habilidades são fundamentais para a leitura e a escrita, pois permitem que as crianças compreendam textos de maneira mais profunda e crítica.

Outro aspecto importante é o desenvolvimento da expressão oral. Participar de atividades de contação de histórias, seja como ouvintes ou contadores, incentiva as crianças a articular suas ideias e emoções de forma clara e coerente. Isso não apenas melhora suas habilidades de comunicação, mas também aumenta sua confiança ao falar em público.

Por fim, a contação de histórias contribui para a formação de indivíduos críticos e criativos. Ao serem expostas a diversas narrativas e perspectivas, as crianças aprendem a questionar, analisar e refletir sobre diferentes situações e contextos. Essa capacidade de pensamento crítico é essencial não apenas para a alfabetização, mas para o desenvolvimento global como cidadãos conscientes e informados.

Portanto, integrar a contação de histórias no processo de alfabetização é indispensável para garantir uma aprendizagem eficaz e prazerosa. Educadores devem aproveitar esta prática poderosa para fomentar o amor pela leitura e pela aprendizagem, proporcionando às crianças uma base sólida para seu desenvolvimento intelectual e pessoal. Ao fazer isso, estamos não apenas ensinando a ler e escrever, mas também preparando leitores ativos e cidadãos engajados para o futuro.

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) no campo da “Escuta, fala,

pensamento e imaginação”, têm por propósito “promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral (...)” (BRASIL, 2018, p. 42). Isso aos poucos, também poderá motivar nos alunos o interesse em relação à cultura escrita.

Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (BRASIL, 2018, p. 42)

A contação de histórias há tempos atrás era vista apenas como forma de distrair as crianças, de fazer com que elas ficassem quietas, mudas, apenas escutando o que os professores falavam, sem ter ao menos a chance de perguntar, questionar, de usar seu senso crítico ou ao menos dar asas a sua imaginação. Hoje, a contação de histórias é vista de forma bem diferente; como forma de estimular o gosto pela leitura, desenvolvendo sua interação com o meio em que vive, além de ajudar no desenvolvimento da sua criatividade e personalidade. Segundo Abramovich (2004, p.143) ao ler uma história “a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, perguntar, questionar. Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião”. (ABRAMOVICH, 2004, p.143)

Verifica-se que, embora a contação de histórias seja predominantemente associada à Educação Infantil, uma análise mais detalhada das séries iniciais do Ensino Fundamental revela a ausência dessa prática e a sua relevância na estrutura pedagógica. Como ressalta Sousa e Bernardino (2011, p. 238):

A escuta de histórias, pela criança, favorece a narração e processos de alfabetização e letramento: habilidades meta cognitivas, consciência metalinguística e desenvolvimento de comportamentos alfabetizados e meta alfabetizados, competências referentes ao saber explicar, descrever, atribuir nomes e utilizar verbos cognitivos (penso, acho, imagino, etc.), habilidades de reconhecimento de letras, relação entre fonema e grafema, construção textual, conhecimentos sintáticos, semânticos e ampliação do léxico. (SOUSA E BERNARDINO, 2011, p. 238)

Portanto, os professores podem fazer uso de diversas estratégias pedagógicas para atrair e instigar seus alunos a tornarem o ato de ler um momento prazeroso. Além disso, os alunos precisam de uma mediação efetiva nas atividades de contação de histórias, despertando o gosto pela leitura literária, além de ser um caminho de infinitas descobertas.

5. Metodologia

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa, pois se fundamenta numa perspectiva que valoriza o papel ativo do sujeito no processo de produção de conhecimento que concebe a realidade como uma construção social. Para Minayo (2011), a pesquisa de abordagem qualitativa responde a questões muito particulares.

Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido [...] como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2011, p. 21).

Nessa acepção, a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Bogdan e Biklen (1994) no livro *“Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos”* discutem o conceito de pesquisa qualitativa apresentando cinco características básicas que a configuram:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. [...] 2. A investigação qualitativa é descritiva. [...] 3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. [...] 4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. [...] 5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 47-51).

Para os pesquisadores, a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando desta forma mais o processo do que o produto e se preocupando ainda em retratar a perspectiva dos participantes.

O locus da pesquisa

A análise do Projeto Político-Pedagógico (PPP) de uma escola é fundamental em uma pesquisa qualitativa por várias razões. Ele é um documento estratégico que expressa a identidade da escola, suas intenções educativas, e os meios pelos quais pretende alcançar seus objetivos. O PPP revela a missão, visão, valores e objetivos da escola. Analisar este documento permite aos pesquisadores entender a identidade institucional e os princípios norteadores que orientam as práticas educacionais da escola e possui como função:

[...] buscar um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito, com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por estar intimamente articulado ao compromisso sociopolítico com interesses reais (VEIGA, 1998, p.12)

É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade educacional em que a escola se encontra. O PPP sistematiza, organiza e integra de forma contínua e, portanto, nunca definitiva - o processo de planejamento democrático e participativo da escola, definindo a ação educativa que se quer realizar.

Logo, foi primordial analisar o documento para conhecer melhor o campo da pesquisa. A Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro, situada em Santa Cruz do Escalvado, Minas Gerais, desempenham um papel essencial

na educação e desenvolvimento social da comunidade local. Localizada na Rua Luiz Bicalho dos Santos nº 211, no distrito de Zito Soares, a escola não apenas oferece educação básica, mas também serve como um centro comunitário vital.

A fundação da Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro em 1970 e sua posterior municipalização em 1998 representam marcos importantes na história educacional de Santa Cruz do Escalvado. A escola atende atualmente a Educação Infantil, os Anos Iniciais e os Anos Finais do Ensino Fundamental, abrangendo um total de 67 alunos. Esta distribuição é crucial, pois permite uma continuidade educacional desde a infância até a adolescência, preparando os alunos para futuros desafios acadêmicos e profissionais.

Um dos maiores desafios enfrentados pela escola é a condição socioeconômica vulnerável de seus alunos. A maioria das famílias depende da agricultura e de trabalhos domésticos, sendo muitas delas beneficiárias do Programa Bolsa Família. Este contexto limita o acesso dos alunos a recursos educativos e culturais adicionais, aumentando a responsabilidade da escola em proporcionar uma educação de qualidade que possa compensar estas deficiências. A falta de opções recreativas fora do ambiente escolar restringe o desenvolvimento integral dos estudantes, que ficam dependentes das poucas atividades oferecidas pela escola e pelas festividades municipais.

Apesar dos desafios, a comunidade escolar possui inúmeros talentos naturais latentes que podem ser desenvolvidos com as oportunidades adequadas. A população demonstra um forte senso de identidade e um desejo de lutar por seu espaço na sociedade. Este engajamento comunitário é uma potencialidade que pode ser explorada para criar projetos educacionais e culturais que envolvam e motivem os alunos.

A presença de 21 funcionários dentro da escola, incluindo professores, supervisores e auxiliares de secretarias, profissionais da faxina, oferece uma base para a implementação de uma pedagogia inclusiva e diversificada. Projetos interdisciplinares e atividades extracurriculares são desenvolvidos para explorar e nutrir os talentos dos alunos, proporcionando-lhes uma educação mais holística e significativa.

A Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro é uma instituição crucial para Santa Cruz do Escalvado. A escola enfrenta desafios significativos devido ao baixo nível socioeconômico das famílias e à falta de atividades de lazer. No entanto, as potencialidades da comunidade, aliadas ao engajamento e à dedicação dos profissionais da educação, oferecem uma oportunidade única para transformar a realidade local.

Diante do exposto, reforçamos que políticas educacionais e sociais que reconheçam e abordem as necessidades e potencialidades da escola são essenciais, principalmente as que se relacionam ao fomento da leitura que contribuem para a democratização do acesso ao conhecimento, para a formação de leitores críticos e autônomos.

Assim, a Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro apesar de muitos desafios que enfrentam diariamente, não apenas educa, mas também empodera sua comunidade, demonstrando a importância vital de uma educação inclusiva e de qualidade

Sujeito da pesquisa

A professora participante dessa pesquisa tem 45 anos, é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Ouro Preto, tem várias pós graduações(latu senso) e cursos na área educacional. Ela leciona há 18 anos, sendo 5 anos no ciclo intermediário e 13 anos na alfabetização.

O instrumento de coleta de dados

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado um questionário composto por questões de múltipla escolha e questões abertas.

Segundo Marconi Lakatos (2006, p.270) “quando o pesquisador segue um roteiro previamente estabelecimento as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas”.

As questões foram elaboradas de forma clara para que não houvesse confusões para o respondente na execução das mesmas. A professora participante da pesquisa foi orientada a responder as questões com cuidado de forma esclarecedora, para não ocasionar qualquer dificuldade de entendimento quando

forem analisadas.

De acordo com Mattar (1994, p.25) as principais vantagens das perguntas abertas são: “estimular a cooperação; por permitir avaliar melhor suas atitudes para análise de suas questões estruturadas; São muito úteis como primeira questão de um determinado tema porque deixam o respondente mais a vontade para a entrevista feita”. Segundo Parasuraman (1991, p. 46) “o questionário é apenas um conjunto de perguntas feitas para gerar os dados necessários de um determinado objetivo esperado da pesquisa em foco”.

Nesta pesquisa, utilizamos o questionário como instrumento de coleta de dados com o objetivo de traçar o perfil da professora participante da pesquisa e também para analisar como ocorre a contação de histórias no ciclo de alfabetização de uma escola pública do município de Santa Cruz do Escalvado/MG.

Além do questionário pude observar uma prática de Contação de histórias realizada pela professora participante dessa pesquisa com o objetivo de compreender como essa estratégia pedagógica é aplicada no contexto escolar, seus impactos no desenvolvimento dos alunos e sua relação com a formação leitora. A observação foi realizada em turmas do 1º ao 3º ano dos anos iniciais.

6. A prática de Contação de Histórias na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro

A análise a seguir foca na observação de uma prática de contação de história realizada para alunos do ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) no refeitório da escola. A professora que realizou essa atividade possui uma longa experiência no Ensino Fundamental I, especificamente no ciclo de alfabetização, e compartilhou insights valiosos sobre como a contação de histórias pode influenciar a formação de leitores literários.

A prática observada foi a contação de histórias sobre o livro *O lenhador*, de Max Velthuijs.

Foto 01- Livro *O Lenhador*



Fonte: Google imagens

Em *O Lenhador*, Max Velthuijs aborda questões existenciais que também permeiam o universo infantil, como a busca pela felicidade. A narrativa acompanha a vida de um lenhador pobre, cujas ambições e frustrações impulsionaram a história. Com ilustrações marcantes e uma mensagem delicada, o livro revela às crianças que a verdadeira felicidade muitas vezes reside nas coisas simples da vida.

A professora que fez a Contação de histórias conseguiu captar a atenção das crianças de maneira eficaz ao apresentar o universo da literatura de forma lúdica. Utilizando-se de recursos expressivos como a modulação da voz e gestos corporais, o docente deu vida à narrativa, facilitando a identificação dos alunos com a história e despertando neles uma série de sentimentos. Essa abordagem proporcionou uma experiência envolvente, promovendo uma maior conexão emocional e cognitiva com a história apresentada.

Foto 02- Contação de histórias



Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora

A professora não fez cursos formais sobre contação de histórias, mas desenvolveu o gosto e a habilidade para essa prática desde a infância, inspirada por familiares que contavam histórias regularmente. Ela acredita firmemente que a contação de histórias no ciclo de alfabetização desperta o interesse das crianças pela literatura, ajudando no desenvolvimento cognitivo e na formação de leitores literários.

A contação de história no ciclo de alfabetização leva a criança a se interessar pela literatura desde o momento em que ouve, imagina, faz associações com sua vida, e com isso vai despertando na mesma, o interesse pela literatura através de seu desenvolvimento cognitivo. Se torna quase impossível a criança se tornar uma leitora se não tiver contato com os livros, se não for trabalhado desde o início de sua escolaridade. (PROFESSORA PESQUISADA, 2023)

Para contar as histórias, a professora pesquisada observa a faixa etária das crianças e prepara o ambiente adequadamente. Utiliza gestos, expressões vocais e recursos como fantoches, fantasias e dedoches para dar vida aos personagens e tornar a narrativa mais envolvente. Ela enfatiza a importância de tornar a contação de histórias uma experiência lúdica e significativa para as crianças.

As histórias são contadas pelo menos uma vez por semana, além de serem

integradas oportunamente conforme a necessidade pedagógica. A professora utiliza diversos espaços para a contação de histórias, incluindo a sala de aula para grupos menores, a quadra ou refeitório para grupos maiores. A escolha do espaço depende da história e dos objetivos pedagógicos pretendidos.

Foto 03: Contação de histórias para os alunos dos anos iniciais



Fonte: arquivo da pesquisadora

A professora participante dessa pesquisa destacou que a contação de histórias contribui significativamente para o desenvolvimento da leitura e escrita. Segundo essa professora *“as crianças mostram-se motivadas, participativas e desenvolvem maior interesse pela leitura. A prática de contar histórias facilita a compreensão dos alunos sobre o mundo real a partir do imaginário, além de estimular a criatividade e a expressão oral. (PROFESSORA PESQUISADA, 2023)*

Ao observar a contação de histórias, percebi que as crianças responderam positivamente a essa prática, demonstrando atenção e engajamento. Elas fizeram comentários, sugestões e até propuseram mudanças na história contada. De acordo com a professora pesquisada, *“as histórias favoritas das crianças incluem contos de fadas, lendas folclóricas e histórias de animais. Histórias que não são engraçadas ou envolventes são menos apreciadas. (PROFESSORA PESQUISADA, 2023)*

A professora também relatou que considera a contação de histórias um recurso pedagógico essencial. Ela acredita que essa prática oferece inúmeros

benefícios, incluindo o desenvolvimento da concentração, raciocínio, linguagem oral, compreensão e habilidades de leitura e escrita. *A contação de histórias também contribui para a formação de personalidade e o desenvolvimento social das crianças.*(PROFESSORA PESQUISADA)

A prática observada revela a importância da contação de histórias no ciclo de alfabetização. Essa atividade pedagógica pode enriquecer a experiência de aprendizagem das crianças, incentivando o gosto pela leitura e escrita, além de explorar outras linguagens como a plástica, artística, imagética, dentre outras.

Ao observar a contação de histórias realizadas pela professora, notamos que ela adota uma abordagem lúdica e cativante, ajustando as narrativas e os recursos disponíveis na escola de acordo com as necessidades e interesses das crianças. Essa prática se mostra altamente eficaz para promover a formação de leitores literários.

Para maximizar os benefícios da contação de histórias, é recomendável que professores recebam formação continuada e tenham acesso a uma variedade de recursos pedagógicos. As escolas devem incentivar a integração regular dessa prática no currículo e promover um ambiente que valorize a contação de histórias como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo e literário dos alunos.

Infelizmente na escola onde a prática de Contação de história foi realizada, não há biblioteca, contrariando a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, conhecida como a Lei da Universalização das Bibliotecas Escolares, que estabelece que todas as instituições de ensino, públicas e privadas, devem contar com bibliotecas. O texto da lei prevê que cada escola tenha uma biblioteca com, no mínimo, um acervo de um livro para cada aluno matriculado. Os livros da Escola fica em prateleiras, como na figura abaixo:

Foto 04- Prateleiras onde ficam os livros de literatura



Fonte: Arquivo da pesquisadora

As bibliotecas escolares desempenham um papel fundamental na formação do leitor, pois são espaços que promovem o acesso ao conhecimento, à literatura e à diversidade cultural. Elas oferecem aos alunos a oportunidade de explorar diferentes gêneros literários, autores e temáticos, incentivando o hábito da leitura de forma prazerosa e contínua.

Ao proporcionar um ambiente rico em recursos, as bibliotecas escolares não apenas estimulam o desenvolvimento da competência do leitor, como também ampliam o repertório crítico e cultural dos estudantes, contribuindo para o seu crescimento intelectual e social. Além disso, bibliotecas bem estruturadas apoiam práticas pedagógicas inovadoras, criando oportunidades para a mediação de leitura, a organização de projetos literários e o fortalecimento do vínculo dos alunos com o universo dos livros.

Nesse contexto, a presença de uma biblioteca escolar ativa é essencial para formar leitores independentes, críticos e capazes de se engajar na leitura como uma ferramenta de aprendizagem ao longo da vida.

Perguntamos à professora pesquisada quais os critérios que ela utilizava para fazer a escolha desse repertório de histórias

Utilizo como critério para escolha do repertório os temas abordados ou estudados em algum conteúdo, ou alguns acontecimentos do dia a dia onde se percebe que tal história irá contribuir de forma a passar a mensagem desejada ou mesmo quando tiramos uma semana somente para trabalhar com leitura e aproveitamos para contação de história. (PROFESSORA PESQUISADA)

Vale ressaltar que, é de suma importância que os professores tenham critérios bem definidos ao escolher as obras literárias, eles ajudam a garantir que os livros selecionados tenham qualidade literária, ou seja, que apresentem uma narrativa bem elaborada, linguagem adequada ao público-alvo e potencial para estimular a imaginação, criatividade e pensamento crítico das crianças. Além disso, os critérios permitem selecionar livros que abordem temas relevantes e significativos para o desenvolvimento das crianças, como diversidade, inclusão, resolução de conflitos, entre outros. Ou seja, os docentes precisam garantir a diversidade cultural nas obras selecionadas, oferecendo às crianças a oportunidade de conhecer diferentes culturas, tradições e realidades sociais.

Apesar dos muitos benefícios observados na prática da contação de histórias pela professora participante, alguns pontos negativos e desafios foram identificados que podem limitar a eficácia dessa abordagem pedagógica. Esses pontos incluem:

Falta de Formação Específica: A professora não possui formação formal específica em contação de histórias, o que pode limitar a variedade de técnicas e estratégias utilizadas. Isso pode afetar a qualidade da narração e a capacidade de engajar todas as crianças de forma eficaz.

Recursos Limitados: A disponibilidade de recursos como livros, fantoches, fantasias e outros materiais pode ser limitada. A falta desses recursos pode restringir a criatividade e a capacidade de tornar a contação de histórias mais dinâmica e interativa.

Espaço Inadequado: A necessidade de adaptar diferentes espaços, como salas de aula e refeitórios, pode apresentar desafios logísticos. Espaços inadequados ou mal adaptados podem comprometer a concentração e o envolvimento das crianças durante a contação de histórias.

Tempo Insuficiente: A integração da contação de histórias na rotina escolar pode ser prejudicada pela carga horária apertada e pelo currículo extenso. A falta

de tempo suficiente para essa prática pode limitar sua frequência e impacto positivo no desenvolvimento dos alunos.

Engajamento Variado: Nem todas as crianças respondem da mesma forma à contação de histórias. Algumas podem ser naturalmente menos interessadas ou mais distraídas, o que pode dificultar a obtenção de um engajamento uniforme e a maximização dos benefícios para todos os alunos.

Dessa forma, embora a contação de histórias seja amplamente reconhecida como uma prática pedagógica valiosa, esses pontos negativos e desafios devem ser considerados e abordados para maximizar sua eficácia. Investir em formação específica para os professores, garantir a disponibilidade de recursos adequados, adaptar espaços de maneira eficiente, e integrar a prática de forma regular e estruturada no currículo escolar são medidas essenciais para superar essas limitações e aprimorar os benefícios da contação de histórias no processo de alfabetização.

7. Considerações finais

A contação de histórias nas escolas emergiu como uma forma eficaz de inserir as crianças no mundo da imaginação e, principalmente, da arte. Segundo diversos estudiosos, essa prática pedagógica é um auxílio valioso para os professores do ciclo de alfabetização. Cosson (2012) destacou que a maneira como a leitura é ensinada tem um impacto significativo sobre como os indivíduos leem fora do ambiente escolar. Ele afirmou que "os livros, assim como os fatos, nunca falam por si mesmos. O que lhes dá voz são os mecanismos de interpretação que utilizamos, muitos dos quais aprendemos na escola, onde a literatura é um locus de conhecimento" (Cosson, 2012, p. 26). Assim, a escola se estabelece como a principal agência de letramento, legitimando o processo de alfabetização e letramento e proporcionando aos alunos de classes menos favorecidas o contato com os livros literários.

Ao apresentar narrativas fictícias e fantásticas, a literatura infantil oferece às crianças não apenas o acesso à arte, à cultura, mas também a oportunidade de interpretar o mundo e construir conceitos de forma significativa. Conforme Cademartori (1986) aponta, a literatura infantil enriquece o conhecimento e

contribui diretamente para a formação da personalidade das crianças.

A partir deste estudo, foi possível identificar de maneira clara e positiva a importância da contação de histórias para a formação de leitores. Essa prática vai além do simples entretenimento, ao estimular o diálogo, promover a troca de experiências e favorecer o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

A contação de histórias, portanto, assume um papel central no ciclo de alfabetização, contribuindo diretamente para o hábito de leitura e para a inserção das crianças no universo literário. A literatura infantil não apenas apoia o desenvolvimento da interioridade das crianças, como também ajuda a explorar e compreender seu entorno cultural e social.

O sucesso dessa prática depende de uma preparação cuidadosa, que envolve o uso de recursos variados e uma seleção criteriosa de obras literárias de qualidade. Livros bem escolhidos procuraram experiências de leitura ricas e significativas, estimulando o pensamento crítico, a imaginação e a capacidade reflexiva das crianças. Por fim, ao analisar os dados encontrados sobre a contação de histórias na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro, na cidade de Santa Cruz do Escalvado/MG, ficou evidente que essa

prática pedagógica é enriquecedora e promove o desenvolvimento integral das crianças, ampliando seu repertório cultural e preparando-as para uma trajetória de aprendizagem contínua.

A contação de histórias se revelou uma atividade que transmitiu experiências significativas, ampliando o repertório cultural e linguístico das crianças, corroborando para o efetivo processo de letramento literário. Conforme Graça Paulino (1999), o letramento literário "como outros tipos de letramento, continua sendo uma apropriação pessoal de práticas de leitura/escrita, que não se reduzem à escola, embora passem por ela" (PAULINO, 1999, p. 16).

Os resultados deste estudo reforçaram a importância da contação de histórias como uma prática pedagógica multifacetada que transcende a simples transmissão do enredo da obra explorada. Esta atividade desempenhou um papel vital no enriquecimento do vocabulário e no estímulo à imaginação das crianças, além de ser crucial para o desenvolvimento da linguagem oral, incentivando as crianças a articular suas ideias e emoções de maneira clara e coerente.

Portanto, a integração da contação de histórias no processo de alfabetização e letramento é indispensável para garantir uma aprendizagem eficaz e prazerosa. Os educadores devem reconhecer e explorar o potencial dessa prática para fomentar o gosto pela leitura literária, proporcionando às crianças uma base sólida para seu desenvolvimento intelectual e pessoal, preparando futuros leitores ativos e cidadãos engajados, capazes de contribuir de forma significativa para a sociedade.

8. Referências :

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997. __. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997; 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 174 p.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994.

BUSATTO, C. A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. 149p.

CARVALHO, Marlene. Guia prático do alfabetizador. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004.

CORRÊA, Hércules T. e MAGALHÃES, Rosângela Márcia. ALFABETIZAR LETRANDO: UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO POR MEIO DOS TEXTOS LITERÁRIOS in: Revista INTERLETRAS, V. 5, Edição número 23, Março/Setembro 2016.

COSSON, Rildo. Letramento literário. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale>. Acesso em: 23 de outubro de 2020.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo, 1921 – F934i A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A pesquisa em educação: questões e desafios. Vertentes, n.29, p.28-37, jan./jun., 2007

GARCIA, W. Et al. Histórias e oficinas pedagógicas. 2.ed. Belo Horizonte: Fapi, 2003. (Série Baú do contador de história, v. 5).

GOUVEA, Maria Cristina Soares, **A Criança e a Linguagem: Entre Palavras e coisas**, 2002, p.111a136.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAKATUS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília S. (Org.); DESLANDES, Suely F.; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 30. Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MAGALHÃES, Rosângela Márcia. **Modos de ensinar literatura infantil na escola [manuscrito]: (trans)formando leitores literários.** / Rosângela Márcia Magalhães. - 2022. Mag304 f.: il.: color., gráf., mapa

PARASURAMAN, A. Marketing research. 2. ed. New York: Addison-WesleyPublishing Company, 1991.

PAULINO, Graça. 1999. Letramento Literário: cânones estéticos e cânones escolares. Caxambu-MG: ANPED. Texto encomendado: GT 10 - Alfabetização Leitura e Escrita. Texto eletrônico, 17 p.

TRIVIÑOS, Nivaldo Silva. Questões preliminares básicas. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. Editora Atlas, 1995, São Paulo, SP.

VEIGA, I. P. A.; Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível. 2 ed. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.

SOARES, Magda Becker. A reinvenção da alfabetização. Presença Pedagógica. V.9, n.52.Jul./ago.2003 SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. In: 16 Educere et Educere, Revista de Educação; Cascavel- Paraná, v.6, n. 12, p. 1-15, 2011.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas, Porto Alegre, vol. 4, n. 01, jan./jun. 2008.

TRIVIÑOS, Nivaldo Silva. Questões preliminares básicas. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. Editora Atlas, 1995, São Paulo, SP.

VEIGA, I. P. A.; Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível. 2 ed. Campinas: Papirus, 1998. p.11-35.